

SAÚDE E DOENÇA EM NOVE VERSÕES

Iranilson Buriti de Oliveira
Doutor em História - UFPE
Professor Adjunto - UFCG
e-mail: iburiti@hotmail.com

Resumo

Faz uma análise dos artigos que compõem o Dossiê Temático *Histórias da Saúde e da Doença*, apontando as possibilidades de avanços na área temática de pesquisas que incidem, sobretudo, a respeito do discurso médico-higienista no Brasil.

Palavras-chave

Saúde, Doença, Discurso Médico-Higienista

Saúde e doença em nove versões. É dessa forma que apresentamos o dossiê **HISTÓRIAS DA SAÚDE E DA DOENÇA**, um “composto médico” que apresenta um corolário de análises e de visões acerca da saúde e da doença na cartografia brasileira. O historiador André Mota, através do artigo *História Regional e o Sanitarismo Paulista na República Velha*, acompanhou as discussões em torno do movimento sanitário paulista na República Velha, bem como atentou para a ausência de estudos historiográficos da saúde e doença dos municípios paulistas e sua importância na compreensão do que teria sido a chamada locomotiva sanitária do país. Cássia Maria Baddini brindou o público leitor com o artigo *Saúde Pública e Poder Local: Sorocaba no século XIX*, no qual apresentou o desenvolvimento histórico da cidade de Sorocaba e suas singularidades no contexto pós-independência do Brasil. Márcia Regina Barros da Silva traz à tona importantes discussões concernentes ao ensino médico paulista no período compreendido entre 1891 e 1913. Seu artigo - *Saúde e Instrução em São Paulo na Primeira República: Projetos de*

Modernização – analisa a educação médica paulista a partir dos processos de criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, avaliando, também, a constituição geral das instituições instaladas no período, das associações médicas e dos periódicos criados, com a intenção de entender o cenário mais complexo da pesquisa experimental que se instalava.

Com o título *Criminalizando a Pobreza: Implicações entre Ação Policial e Políticas Médico-Sanitárias em São Paulo (1890-1920)*, o historiador Marco Antonio Cabral dos Santos discute o papel exercido pelos aparelhos policiais no conflituoso processo de estabelecimento de políticas de higiene e de saúde pública no cenário urbano, centrando-se, particularmente, na cidade de São Paulo entre fins do século XIX e início do século XX. A partir de uma revisão histórico-bibliográfica, Argus Vasconcelos de Almeida, José Aldo M. da Costa Junior e Tatiana C. de Barros e Silva, pesquisadores da Universidade Federal Rural de Pernambuco, apresentaram a pesquisa intitulada *Aspectos Históricos da Hanseníase em Recife – Pernambuco*, na qual discutem os registros históricos acerca da hanseníase em Recife, Pernambuco, desde o início do século XVIII até o século XX. Através de um minucioso trabalho de campo, os pesquisadores procuraram localizar os diversos locais de isolamento dos doentes no Recife ao longo dos séculos. Dessa maneira, foi possível identificar-se por parte da igreja, do Estado e dos próprios enfermos, um discurso acerca da doença que enfatizou a política de isolamento dos hansênicos em locais na periferia do centro urbano, sem que se encontrassem registros de tratamento médico dos enfermos, mas uma constante preocupação com a sua assistência espiritual e religiosa.

A mestranda Roberta Muller Scafuto Scoton, integrante do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, analisa a presença e instrumentalização de concepções religiões mediúnicas na cidade de Juiz de Fora em um contexto de repressão às práticas mediúnicas, de institucionalização do espiritismo kardecista, de legitimação da medicina

acadêmica e de políticas públicas visando a construção de uma imagem moderna para a cidade. No artigo denominado de *Idéias Psiquiátricas sobre as Religiões Mediúnicas em Juiz de Fora - MG (1890-1940)*, a autora mostra que os argumentos psiquiátricos, que possuíam legitimidade por serem embasados em caracteres científicos, tendiam a analisar tais religiões como causadoras ou desencadeadoras de alienação mental, além de classificarem tais práticas como um crime à Saúde Pública, principalmente em relação aos aspectos terapêuticos presentes nas religiões mediúnicas. Para chegar as suas conclusões, Roberta Scoton partiu de informações obtidas nos jornais locais, além de processos criminais contra a saúde pública e processos cíveis de exame de sanidade. De Minas Gerais também partiu a análise do historiador José Otávio Aguiar, professor da Universidade Federal de Campina Grande, colocando em discussão alguns fragmentos do cotidiano de pesquisas botânicas, medicinais e etnográficas, durante a visita de dois viajantes germânicos, no ano de 1813, ao quartel de Guido Thomaz Marlière, um militar francês que recebeu autoridade sobre a administração de territórios indígenas num microbioma da zona da Mata Central, atual município de Visconde do Rio Branco, em Minas Gerais. Sob o título *Índios, a Floresta, as Ervas Medicinais e a Estratégia: Memórias de uma Diretoria Militar Francesa nos Sertões Indígenas de Minas Gerais*, José Otávio Aguiar discute um conjunto de idéias que formaram e informaram o peculiar projeto concebido por este francês para a colonização e prospecção da região e o que elas tinham em comum com as de alguns outros estrangeiros em visita ao Brasil no mesmo período. A pesquisa e professora do Programa de Pós-graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Dilene Raimundo do Nascimento, apresentou um importante artigo no qual discute a representação que os indivíduos fazem acerca da AIDS, construída nas múltiplas experiências que os sujeitos têm com tal enfermidade. No artigo *Narrativa Autobiográfica: A Experiência do Adoecimento por AIDS*, a autora toma como parâmetro de investigação os textos autobiográficos de narradores que mostram

sua relação com a doença, além de analisar a narrativa do escritor francês Hervé Guibert que, atingido pela AIDS, veio a falecer no ano de 1991.

Partindo de uma concepção psico-pedagógica sobre a doença, a pedagoga Denise Uchoa analisa a escola pública primária (ou de ensino fundamental) enquanto uma geografia da dor, marcada e tatuada por outras doenças pouco catalogadas nas encíclicas médicas: as marcas psicológicas na relação professor/aluno. Sob o título *Corrigindo Corpos (Im)Perfeitos: A Escola como Cartografia da Dor e da Punição*, Denise Uchoa investiga as marcas psicológicas sutis e violentas oriundas dos conflitos estabelecidos no cenário escolar de Campina Grande – PB e que envolvem os corpos docente e discente. Traumas psicológicos e cenários de angústia e de dores, lepras emocionais, feridas supuradas pelas lembranças de torturas vividas na idade infantil constituem a cartografia analisa por essa pedagoga, que mostra a escola como um grande hospital, cheia de doentes interditados pelo diagnóstico do professor.

Eis, portanto, nove versões sobre saúde e doenças no Brasil. Do nascimento do Império no século XIX à temporalidade presente, o conteúdo deste dossiê é um diagnóstico da visibilidade que as pesquisas sobre essa temática ganha no cenário nacional.